

O tédio na poesia decadentista portuguesa no final do século XIX: o caso de António Nobre

Carlos Ceia

Resumo

O tédio foi um tema preferido da poesia decadentista europeia do final do século XIX. Os poetas de então, com destaque para os portugueses António Nobre e José Duro, enfatizaram-se na vida e na arte de fazer versos, não só por força da tuberculose de que ambos sofriam, mas também porque adoptaram o nada fazer, o aborrecer-se com tudo à sua volta, a neurastenia e o maldizer da própria existência individual como temas maiores da sua poesia.

Palavras-chave: tédio, decadentismo, António Nobre.

Escreve-se para vencer o tédio, para cobrir o tempo morto, para anular um bocejo ou para dizer simplesmente que nada vale uma palavra escrita ou um verso levado até ao fim. Em “Tédio” de José Duro, contemporâneo de António Nobre, no início de *Fel*, diz-se: “Ando às vezes boçal e sinto-me incapaz / De encontrar uma rima ou produzir um verso”. Essa atitude enfatiada perante a escrita é que me parece ter interesse para a literatura, porque produz um género próprio, datado e devidamente caracterizado, que é muito diferente de um simples sentir-se aborrecido por nada ter que fazer. Estou em crer que quem entre nós melhor definiu o tédio da vida foi Fernando Pessoa. Na única vez em que terá saído de Lisboa, foi a Portalegre. Em 22 de agosto de

* Universidade Nova de Lisboa

1907, escreveu uma carta em inglês a Armando Teixeira Rebelo, que António Quadros traduziu:

Portalegre é um lugar em que tudo quanto um forasteiro pode fazer é cansar-se de não fazer nada. [...] Mal podes imaginar o hiperaborrecimento, o ultra-estafanço-de-tudo, a absoluta sensação de o-que-há-de-fazer-um-tipo-num-sítio destes, que reinam no meu espírito!¹

Aquilo a que Fernando Pessoa chamou, no princípio do século XX, “o hiperaborrecimento, o ultra-estafanço-de-tudo” é o sintoma de uma doença espiritual que caracterizou praticamente todos os poetas e escritores decadentistas e nefelibatas do final do século XIX, onde se incluem José Duro, Manuel Laranjeira e António Nobre, por exemplo.

Panorâmicas históricas sobre o tratamento literário português do tédio temos a *Psicologia do tédio* (1963), de Cruz Malpique, e “Em torno da experiência oitocentista do tédio”, em *Temas Oitocentistas II* (1978), de Joel Serrão.² Ambas as fontes serviram para contestar com rigor a tese de que o tédio é um *topos* nascido no século XVIII, associado ao *ennui* francês e ao *spleen* inglês. Se quisermos ir um pouco mais além da simples verificação da existência do *topos* antes da modernidade, havemos de investigar: o argumento de Patricia Meyer Sparks: o tédio é um *topos* moderno, nascido no século XVIII;³ o argumento de Cruz Malpique: o tédio de António Nobre como um sentimento “postigo” (sic); o argumento de Joel Serrão: o tédio é uma ilustração de um carácter tipicamente português.

O tédio é um *topos* moderno?

Patricia Meyer Sparks esforçou-se por tentar demonstrar que o *topos* do tédio é uma invenção literária moderna. Assim sendo, não seria legítimo falarmos no *tedium vitae* como um *topos clássico*, isto é, que pertence a um tempo antigo e que aí foi exemplificado de forma excepcional, o que é normalmente seguido pela crítica literária latina. A expressão *taedium vitae* não é recorrente na literatura latina. Como *topos* literário, ainda que de forma pouco assumida, é possível testemunhar em Cícero, Tito Lívio, Séneca, Quintiliano, Lucrécio e Horácio referências avulsas próximas como *abborere aliquo*, *aliquid abborrere* e *abborret a escribendo*.

A literatura clássica não distingue o aborrecimento da vida, do acto de escrever, do acto de ler e do acto de aprender uma arte do que chamamos modernamente o “tédio da vida”. A rigor, não me parece correcto falar-se do *taedium vitae* como *topos clássico*, porque não o encontramos tratado de forma sistemática ou programática nem em autores individuais em grupos de autores gregos ou latinos. Acresce o facto de muitas vezes aquilo que preocupa o escritor clássico não é tanto o tédio da vida, mas o tédio ou fastio que pode ser causado ao leitor ou ouvinte por pecado cometido no discurso. Contra a monotonia discursiva que provoca o fastio no leitor ou ouvinte se insurge, por exemplo, Quintiliano⁴ e contra a prolixidade ou as divagações que provocam o mesmo sentimento encontra-

mos avisos de Horácio a Milton (“Time is our tedious song should here have ending”, in *Hymn on the Mourning of Christ’s Nativity*).

A confusão também é facilitada pelas referências frequentes ao *ócio*, com o qual se tende a misturar (incorrectamente), porque este era uma forma de vida para muitos indivíduos na Roma antiga. A diferença entre o tédio e o *ócio* é fácil de estabelecer: o primeiro não é um acto de vontade, ninguém se entedia porque quer, mas por uma fatalidade; o segundo é uma escolha consciente de um modo de vida, é uma preferência pela desocupação. O entediado acha-se sem nada para fazer e, mesmo procurando, não encontra uma saída desse estado; o indolente opta precisamente por nada fazer e não está interessado em encontrar algo que o ocupe. A evolução semântica do termo *tédio*, da época clássica romana até ao século XIX, é de tal forma díspar que será muito arriscado decidirmo-nos pela classicização deste *topos*.

Aceitamos que, enquanto *topos* literário na literatura portuguesa, o tédio só adquira significado no século XIX, a partir dos ultra-românticos em especial. Mas não faltam exemplos soltos desde a Idade Média até este momento da história literária para não fazer do tédio literário uma invenção inglesa do século XVIII. O *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* guarda um poema de Ayras Moniz D’Asme que regista, talvez, a mais antiga ocorrência do termo na literatura portuguesa: “E quen bem quiser trastornar / Per tedeo [o] mund e ferir”. Uma das mais

penetrantes reflexões sobre o tédio é a de D. Duarte, no *Leal Conselheiro*, onde estabelece a distinção entre os sentimentos de nojo, pesar, desprazer, “avorrecimento” e saudade. A canção X de Luís de Camões abre com uma imagem sobre a monotonia da natureza:

Junto dum seco, fero, estéril monte,
inútil e despido, calvo, informe,
da natureza em tudo aborrecido,
onde nem ave voa ou fera dorme,
nem rio claro corre ou ferve fonte,
nem verde ramo faz doce ruído;

Alexandre Herculano (em *O monge de Cister* e em *O bobo*, por exemplo) e Camilo Castelo Branco (em *Maria da fonte*, por exemplo) referem-se ao tédio da vida, mas sempre de forma accidental. A história do tédio na literatura portuguesa até à segunda metade do século XIX é feita de simples alusões, nunca se assumindo como *topos* dominante ou tema-identidade, condição necessária para o tomarmos como marca de escola ou convenção datada.

O tédio de António Nobre é um sentimento “postigo”?

O tédio da vida comum não é da conta da literatura; o tédio que resulta de um estado patológico (uma neurose ou uma neurastenia, por exemplo) também tem pouco interesse literário (excepto se influenciar o acto da escrita do indivíduo sofredor); o tédio que não tem uma expressão moral ou ética também não devia ser objecto de estudo literário. O caso de António Nobre pode ser estudado pela via impressionista:

por exemplo, sabemos que se declara “neurasténico”. Em carta ao irmão Augusto Nobre, diz:

“[O dr. Boelli] manda-me para Bex, perto da fronteira italiana, que é uma altitude de 500 metros, estação de Verão, especialmente recomendada aos neurasténicos, que, como tu sabes, ou não queres saber, é o meu grande, enorme mal. Se tu me compreendesses e soubesses quanto a minha cabeça me faz sofrer (às vezes sinto-me vizinho da loucura) não ligavas somenos importância à influência moral na minha saúde.”⁵

Um crítico biografista que ignorasse o que a neurastenia significa em termos psicanalíticos (em 1896, António Nobre não o podia saber, nem o próprio Dr. Boelli) iria certamente por aqui e encontraria matéria para justificar os sentimentos decorrentes da neurastenia na obra poética de António Nobre. Não é de estranhar também que muitas interpretações do *Só* tenham ignorado que o livro foi publicado muito antes de a doença de Nobre se ter declarado e o poeta ter consciência de ser e estar tísico. Estou em crer que o tédio como *topos* literário nesta poesia não tem tal origem, embora lhe esteja indirectamente ligado.

Quando António Nobre confessa a seu irmão Augusto, durante as suas longas e nómadas estadias no estrangeiro, que a vida na Suíça era “duma tristeza infinita e aborrecimento mortal”⁶ por força do seu estado de saúde débil e definhado, já a obra poética estava construída. E quando o poeta António Nobre confessa em “Carta a Manuel”; “Que tédio o meu, Manuel!”⁷,

a propósito da vida académica em Coimbra, o fastio dessa vida é um tema literário não uma declaração médica. E note-se ainda que a única referência ao tédio na obra posterior a *Só* é uma mera recordação de um sentimento antigo, que o poeta diz ter perdido:

Quanto eu te devo! Ódios, impiedade,
Indignações e raivas contra alguém,
Loucuras de rapaz, tédios, vaidade,
Tudo isso perdi – e ainda bem!⁸

O tédio na poesia de Nobre, concentrado no livro *Só*, possui as mesmas características de outras poesias decadentistas e tão “postigo” quanto os sentimentos aí versejados, se for importante dar credibilidade àquilo que um poeta diz sentir. Acreditar nessa possibilidade é não acreditar na faculdade de fingimento de um poeta, o que sabemos ser pouco credível quer para Nobre quer para qualquer outro poeta. A questão não é saber se Nobre diz a verdade sobre aquilo que deveras sente, mas antes saber o que se sente *no poema* e a dor que nós, leitores, aí apreendemos. Separando uma vez mais a psicologia individual da hermenêutica literária, diremos que o tédio na poesia de Nobre é um estado que não se procurou e em que fatalmente o poeta se acha: não ter nada para fazer, não encontrar nada para fazer. O poema “A vida” (*Só*) é uma balada da degenerescência, onde é possível compendiar a natureza do tédio:

Olha em redor, poisa os teus olhos! O
que vês?
O Tédio, o Tédio, oh sobretudo o Tédio!
O mês

Em que estamos, igual ao mês passado e ao que há-de Vir.⁹

É importante não ajuizar essa atitude aprendida directamente em Baudelaire como uma forma de ataraxia ou apatia estóica. Esta é uma forma de vida consciente e revestida de um compromisso religioso que não faz sentido em Nobre. O estóico comprazia-se no tédio, a que chamava “imperturbabilidade” (ataraxia), não como uma fatalidade angustiante, mas como uma forma de conhecimento interior. O tédio de Nobre é de outra origem e envolve uma forma de pessimismo que não prevê qualquer possibilidade de alcançar um bem superior. A expressão da fatalidade do nada-ter-para-fazer conheceu-a também Fernando Pessoa, que foi mais longe do que Nobre na definição correcta do tédio degenerescente. Em carta a Armando Côrtes-Rodrigues, de 4-9-1916, desabafa:

“Tenho passado estes últimos meses a passar estes últimos meses. Mais nada, e uma muralha de tédio com cacos de raiva em cima. Agora estou numa fase melhor, com episódicas antemanhãs de seu-eu-verdadeiramente. Uma longa história de Depressão, com detalhes lentes-de-aumentar vindas do Exterior ... Enfim... Não me sobra o tempo para lhe relatar porque gradações de mim-e-as-coisas se me infiltrou este mal-de-viver.”¹⁰

São muitas as semelhanças entre o tédio experimentado pelo autor de “Males de Anto” e o experimentado pelo autor de *Livro do desassossego*, ambos neurasténicos assumidos.

Freud é o primeiro a doutrinar sobre os efeitos da neurastenia sobre a

psicologia do indivíduo. Define-a como “neurose actual”, que provoca sentimentos de fadiga e dores dilatadas, mas que são o resultado, segundo o diagnóstico freudiano, de uma insatisfação sexual recente. Lendo a correspondência de Nobre, 1) concluímos com facilidade que a sua vida foi uma longa insatisfação sexual; lendo a sua obra poética, 2) não há nada que ilustre uma intensa actividade sexual, como podemos ler nos decadentistas franceses, por exemplo, que é uma condição axiomática para que se produza insatisfação e consequente estado de neurastenia. Para o psicanalista, o neurasténico sofre igualmente de 3) angústia e de 4) hipocondria.

A angústia dos poetas decadentistas como Nobre ou de escritores como Fernando Pessoa/Bernardo Soares é mais de origem ontológica do que psicanalítica e sobre ela já me pronunciei longamente;¹¹ a hipocondria, por definição simples, é uma obsessão por estar doente sem o estar verdadeiramente. Ora, o neurasténico e tísico António Nobre dispensa mais este diagnóstico, até porque, não é excessivo insistir, os versos do *Só* foram escritos após a doença se ter declarado. Nenhum desses quatro argumentos pode servir de fundamento à presença do tédio como *topos* literário directamente relacionado com a doença do homem António Nobre.

A neurastenia que esquadrimos na poesia de António Nobre provocará versos entediados por razões morais e psicológicas, mas trata-se mais de um programa de escrita do que uma forma de registo poético de uma qualquer idiossincrasia. Quando lemos versos

como estes de *Só*:

Vede! Quistos da Dor! Furo-os com uma lança:

Que nojo, olhai! são as gangrenas da Esperança!

Lanceto mais ainda: as ilusões sombrias!

Cancros do Tédio a supurar Melancolias!

Gangrenas verdes, outonais, cor de folhagem!

O pus do Ódio a escorrer nesta alma sem lavagem!

Tristezas cor de chumbo! Spleen! Perdidos sonos!

Prantos, soluços, ais, (o Mar pelos Outonos)

A febre do Oiro! O Amor calcado aos pés! Génio! Ânsia!

Medievalite! O Sonho! As saudades da Infância!¹²

Parece-me ajuizado evitar as interpretações de psicologia clínica com o objectivo de resolver um problema de hermenêutica literária. O que qualquer psicólogo nos diria sobre este caso é que os “cancros do Tédio” provocam extenuação emocional, por força de um recalamento intenso de sentimentos que o indivíduo resiste a exteriorizar. Esse diagnóstico só interessará se pudermos ler o tédio como expressão literária relacionada (mas não directamente determinada por) com um estado patológico. É necessário advertir que interessará muito mais o resultado literário desse estado do que as especulações sobre o seu aparecimento e desenlace. Por essa via será possível estabelecer importantes comparações com outros casos de escritores que tomaram o tédio como programa literário. A melhor descrição que conheço, no

panorama português, desse programa é a de Bernardo Soares:

Tão dado como sou ao tédio, é curioso que nunca, até hoje, me lembrou de meditar em que consiste. Estou hoje, deveras, nesse estado intermédio da alma em que nem apetece a vida nem outra coisa. E emprego a súbita lembrança de que nunca pensei em o que fosse, em sonhar, ao longo de pensamentos meio impressões, a análise, sempre um pouco factícia, do que ele seja.

Não o sei, realmente, se o tédio é somente a correspondência desperta da sonolência do vadio, se é coisa, na verdade, mais nobre que esse entorpecimento. Em mim, o tédio é frequente, mas, que eu saiba, porque reparasse, não obedece a regras de aparecimento. Posso passar sem tédio um domingo inerte; posso sofrê-lo repentinamente, como uma nuvem externa, em pleno trabalho atento. Não consigo relacioná-lo com um estado da saúde ou da falta dela; não alcanço conhecê-lo como produto de causas que estejam na parte evidente de mim. [...]

O tédio... Pensar sem que se pense, com o cansaço de pensar; sentir sem que se sinta, com a angústia de sentir; não querer sem que se não queira, com a náusea de não querer - tudo isto está no tédio sem ser o tédio, nem é dele mais que uma paráfrase ou uma translação. E, na sensação directa, como se de sobre o fosso do castelo da alma se erguesse a ponte levadiça, nem restasse, entre o castelo e as terras, mais que o poder olhá-las sem as poder percorrer. Há um isolamento de nós em nós mesmos, mas um isolamento onde o que separa está estagnado como nós, água suja cercando o nosso desentendimento.

O tédio... Sofrer sem sofrimento, querer sem vontade, pensar sem raciocínio... É como a possessão por um demónio negativo, um embruxamento por coisa nenhuma. Dizem que os bruxos, ou os pequenos magos, conseguem, fazendo de nós imagens, e a elas infligindo maus tratos, que esses maus tratos, por uma transferência astral, se reflectam em nós. O tédio surge-me, na sensação transposta desta imagem, como o reflexo maligno de bruxedos de um demónio das fadas, exercidas, não sobre uma imagem minha, senão sobre a sua sombra. E na sombra íntima de mim, no exterior do interior da minha alma, que se colam papéis ou se espetam alfinetes. Sou como o homem que vendeu a sombra, ou, antes, como a sombra do homem que a vendeu. (...)

O tédio... Quem tem Deuses nunca tem tédio. O tédio é a falta de uma mitologia. A quem não tem crenças, até a dúvida é impossível, até o cepticismo não tem força para desconfiar. Sim, o tédio é isso: a perda, pela alma, da sua capacidade de se iludir, a falta, no pensamento, da escada inexistente por onde ele sobe sólido à verdade.¹³

António Nobre não teve uma mitologia, faltaram-lhe as crenças e não encontrou a sua própria alma. Como Bernardo Soares, entediava-se sem que isso estivesse relacionado com o seu estado de saúde – simplesmente faltava-lhe, nesses momentos, a percepção da sua própria imagem e sobrava-lhe o “querer sem vontade, [o] pensar sem raciocínio”.

Como sabemos, o léxico deste *topos* pode incluir outros termos que lhe estão próximos como aborrecimento,

acédia, acídia, adinamia, amofinação, angústia, antojo, apatia, consumição, degenerescência, esgotamento, enfado, *ennui*, inércia, náusea, mal-estar, *spleen* etc. Deixando de parte as particularidades psicopatológicas que nos levariam a distinguir com rigor cada um desses estados de tédio, parece-nos importante, do ponto de vista literário, esclarecer a possibilidade de uma verdadeira diferença entre tédio e *ennui*. O primeiro julga-se, então, um termo aparecido na literatura do século XVIII; o segundo é um conceito cultivado pelos poetas decadentistas da segunda metade do século XIX, que vulgarmente seria traduzido por “tédio” ou “aborrecimento”.

Mas o sentimento de *ennui* identifica-se mais com cedência à futilidade da vida, o que podemos aprender com o romance *Ennui* (1809), de Maria Edgeworth. Foi, contudo, Baudelaire quem transformou esse sentimento numa espécie de *modus vivendi* na poesia e na vida. O *ennui* relaciona-se intimamente com o conceito poético de *spleen*,¹⁴ que Baudelaire explorou em *As flores do mal* (1857) e *O Spleen de Paris - Pequenos poemas em prosa* (1868). A força totalizadora do *ennui* está sintetizada nos versos do poema “Spleen” (lxxxvi, em *As flores do mal*): “L’ennui, fruit de la morne incuriosité, / Prend les proportions de l’immortalité”. É a condição universal desse sentimento que levou Patricia Meyer Spacks a considerar uma diferença essencial entre *ennui* e tédio:

“Boredom was not (*is not*) the same as ennui, more closely related to acedia.

Ennui implies a judgment of the universe; boredom, a response to the immediate. Ennui belongs to those with a sense of sublime potential, those who feel themselves superior to their environment.”¹⁵.

A distinção torna-se difícil de aplicar a todos aqueles textos que são marcadamente decadentistas. Para mais, o conceito francês de *ennui* já tem uma história literária desde o século XII, quando significava tormento de alma causado sobretudo por luto ou por uma desgraça terrível. O século XIX retoma antes o conceito de *ennui* que a literatura francesa do fim da Idade Média havia já de consagrar: o de um mal-estar causado pela lassidão e pela inacção, sentido que se aproxima muito do conceito decadentista de tédio, que, na minha opinião, é correctamente decifrado por Gustavo Flaubert em termos que os escritores portugueses da segunda metade do século XIX repetem na sua essência:

“Connaissez-vous l’ennui? non pas cet ennui commun, banal, qui provient de la fainéantise ou de la maladie, mais cet ennui moderne qui ronge l’homme dans les entrailles et, d’un être intelligent, fait une ombre qui marche, un fantôme qui pense.”¹⁶.

É essa a chave para compreendermos o tédio na poesia de António Nobre e outros entediados: o tédio que é o resultado de um “fantasma que pensa” sem ser capaz de se pré-ocupar com alguma actividade física ou intelectual que o impele a agir. Todos os termos capazes de se incorporarem na retórica da decadência ou do espírito decadente

pertencem a esse sentido de *ennui*. Neste caso mais particular, competenos destacar a nolição, a inércia, o niilismo, o mal-estar-perante-a-morte, a náusea e o fastio – o que pode constituir uma boa síntese dos principais temas da poesia de António Nobre.

Se todos esses sentimentos podem ser um sinal de mal-estar perante a vida ou perante a morte e se não existe um medidor eficaz das emoções, é arriscado decidir quem é que se sente maior do que a própria vida ou do que a própria morte para apenas dizer que aquilo que deveras se sente é *ennui* e não tédio. Ambos os sentimentos convergem na sensação de desistência perante o progresso e a positividade do mundo, que apenas podem gerar uma impressão de abandono metafísico, cujo prolongamento é tão necessário ao poeta sentiente como à própria poesia.

O tédio é uma ilustração de um carácter tipicamente português?

A tese de Joel Serrão parece-me tão discutível como a interpretação de Júlio Dantas a propósito da neurastenia de D. Duarte:

É na neurastenia de D. Duarte que nós encontramos a causa e a explicação de todos os desastres políticos do seu reinado e da própria regência que se lhe seguiu. Que foi Tânger, senão a consequência social duma crise de neurastenia? Que foi mais tarde Alfarrobeira, senão a resultante póstuma dessa crise?¹⁷

Como provar que a neurastenia foi

uma doença *nacional* ao tempo de D. Duarte, com tão graves consequências? Será razoável argumentar que um poeta melancólico, por exemplo, é uma sinédoque de um país necessariamente melancólico? Uma sensibilidade individual tem força suficiente para traduzir um sentimento colectivo? Não creio que seja verosímil tentar esse tipo de raciocínio. António Nobre utilizou o *topos* do tédio na sua poesia não certamente por se tratar de um estado de espírito “nacional”, ou como provaríamos sociologicamente que apenas os portugueses se distinguem por se aborrecerem com tudo? Seremos os únicos entediados? Podemos até trazer para a arguição da tese nacionalista do tédio e da tristeza o testemunho respeitável de Fernando Pessoa, que, em memória de António Nobre, reconheceu no seu exemplo uma extensão semelhante do ser português:

De António Nobre partem todas as palavras com sentido lusitano que de então para cá têm sido pronunciadas. Têm subido a um sentido mais alto e divino do que ele balbuciou. Mas ele foi o primeiro a pôr em europeu este sentimento português das almas e das coisas, que tem pena de que umas não sejam corpos, para lhes poder fazer festas, e de que outras não sejam gente, para poder falar com elas.

[...] Quando ele nasceu, nascemos todos nós. A tristeza que cada um de nós traz consigo, mesmo no sentido da sua alegria é ele ainda, e a vida dele, nunca perfeitamente real nem com certeza vivida, é, afinal, a súplica da vida que vivemos – órfãos de pai e de mãe, perdidos de Deus, no meio da floresta, e

chorando, chorando inutilmente, sem outra consolação do que essa, infantil, de sabermos que é inutilmente que choramos.¹⁸

Não partilho da ideia de sermos há muito, por decreto poético, um país de melancólicos, um povo triste que chora de saudade, pessoas angustiadas e cansadas sem estarem cansadas, como quer Pessoa. No célebre artigo “O francesismo”, Eça de Queirós não deixou logo de se demarcar de tanto pessimismo:

Eu, pelo menos, educado com Musset e Hugo, não ousa aproximar-se desses coribantes e dos seus livros. Jamais abri um desses livros amarelos, dentro dos quais passam estrofes com bulhas e gritos intoleráveis. Sei apenas que esses novos se chamam a si mesmos, com uma sublime sinceridade, “os decadentes”, “os incoerentes”, “os alucinados”.¹⁹

O facto de António Nobre se ter confessado “Pecador que o mundo arrasta, / Pela azinhaga do tédio...”²⁰ não tem mais significado do que aquele que ao poema diz respeito.

A tese de Joel Serrão é ainda mais discutível quando situa o sentimento de decadência nacional e o messianismo luso que lhe está associado como um “fenómeno religioso e cultural *nortenho*, especialmente *portuense*”.²¹ Celebrando aqui, no Porto, hoje, António Nobre seria o mesmo que celebrar a tristeza de que, pretensamente, todos os portuenses padecem. A tristeza de Nobre não é certamente uma invenção portuense nem sequer está directamente relacionada com a conjuntura política do país, pois é sabido que nos anos a seguir ao estudo em Coimbra

e até à sua morte, o poeta passou a maior parte do tempo entediando-se um pouco por todo mundo, da Suíça e da França aos Estados Unidos e ao Brasil. Depois, haverá algum poeta neste mundo que não tenha escrito versos sobre a tristeza sem com isso traduzir um sentimento nacional? Recordo que os cépticos gregos antigos perseguiram, ao seu tempo e de acordo com uma convicção profunda, a mera inércia do pensamento e o refúgio no absentismo da vida. Sabendo que o cepticismo se estendeu durante todo o período helenístico-romano, será lícito concluir que todos os romanos e todos os helenos eram cépticos? Sabendo que Oscar Wilde escreveu uma das obras-primas da poesia decadentista do século XIX, o poema “*Taedium Vitae*”:

To stab my youth with desperate
knives, to wear
This paltry age's gaudy livery,
To let each base hand filch my treasury,
To mesh my soul within a woman's
hair,
And be mere Fortune's lackeyed
groom, - I swear
I love it not! these things are less to me
Than the thin foam that frets upon the
sea,
Less than the thistledown of summer
air
Which hath no seed: better to stand
aloof
Far from these slanderous fools who
mock my life
Knowing me not, better the lowliest
roof
Fit for the meanest hind to sojourn in,
Than to go back to that hoarse cave of

strife

Where my white soul first kissed the
mouth of sin.²²

Significará isso que o reinado vitoriano, um dos mais activos e prósperos da história de Inglaterra, foi marcado por um profundo tédio da vida? Dito de outro modo, seguindo a lição de Bertrand Russel para quem o tédio é “um problema vital para o moralista, porque pelo menos metade dos pecados da humanidade são causados pelo receio de cair nele”,²³ não é possível responsabilizar um povo pelos sentimentos descritos por um poeta. O contrário é igualmente absurdo.

O tédio na poesia de Nobre, como na de qualquer poeta decadentista e neurasténico na escrita e/ou na vida, é, em suma, o resultado de uma incapacidade para a vida activa. E esse é um motivo literário tão bom como qualquer outro. Porque se trata de um sentimento que o mais comum dos mortais pode experimentar, não devemos interpretar o tédio como uma patologia. Se, de um ponto de vista religioso, o tédio e a acédia são considerados debilidades da alma que não soube resistir às tentações do mal e viver segundo a harmonia dinâmica da natureza, António Nobre pecou tanto como qualquer de nós perante o espectáculo do mundo. Dizem os manuais do cristianismo que a paciência e o temor a Deus são as curas para o tédio, mas Nobre acreditou até ao fim que Deus o salvaria da desgraça da tísica, o que lhe foi recusado, quando afinal o poeta apenas pedia a libertação de si próprio, não recusando ser quem era, mas ape-

nas querendo partilhar a fortuna dos que têm a felicidade de se fartarem da vida na eternidade que vive em nós próprios.

Abstract

Tediousness was a favorite theme in the European decadent poetry at the end of the 19th century. Poets then, like the Portuguese António Nobre and José Duro, got bored at life and poetry making, not only because of tuberculosis, but also because they adopted “doing nothing”, “getting bored at everything”, neurasthenia, and defamation of one’s own existence as main themes of their poetry.

Key-words: Tediousness; decadent poetry; António Nobre.

Notas

- ¹ *Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas*, Introduções, organização e notas de António Quadros, Publ. Europa América, Mem Martins, 1986 (1ª publ. in *Vida e Obra de Fernando Pessoa - História de uma Geração*, de João Gaspar Simões, Bertrand, Lisboa, 1951).
- ² Existe ainda uma dissertação de licenciatura inédita que também tratou o mesmo assunto de forma panorâmica e parafrástica: «Contribuição para o Estudo do ‘Motivo’ do Tédio nas Obras Poéticas de Fernando Pessoa (ortónimo) e de Mário de Sá-Carneiro», de Maria Paula Cannas Mendes, Tese de licenciatura em Filologia Românica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1955.
- ³ *Boredom: The Literary History of a State of Mind*, The University of Chicago Press, Chicago e Londres, 1996.

⁴ *Institutio Oratoria*, Livro V, 14, 30.

⁵ “Carta a Augusto Nobre”, nº 153 (14-5-1896), in *Correspondência*, org. de Guilherme de Castilho, IN-CM, Lisboa, 1982, p. 302.

⁶ *Correspondência*, p.267.

⁷ *Poesia Completa*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2000, p. 215.

⁸ Id., p.385.

⁹ Id., p. 278.

¹⁰ *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues*, Introdução de Joel Serrão, Confluência, Lisboa, 1944 (3.ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1985).

¹¹ Ver o meu ensaio “A angústia em António Nobre”, in *De Punho Cerrado - Ensaios de Hermenêutica Dialéctica da Literatura Portuguesa Contemporânea*, Cosmos, Lisboa, 1997.

¹² “Males de Anto”, in *Poesia Completa*, pp.350-351.

¹³ Publ. in “A Galera”, nº 5-6. Coimbra: Fev. 1915. *Livro do Desassossego* por Bernardo Soares. Vol.II. Fernando Pessoa. (Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e Organização de Jacinto do Prado Coelho.) Ática, Lisboa, 1982.

¹⁴ Ver a propósito o meu artigo “Nota sobre o conceito literário de spleen”, *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, nº6, 1997.

¹⁵ Ibid., p.12.

¹⁶ *Correspondance*, 87, 7-6-1844.

¹⁷ “A Neurastenia do rei D. Duarte”, in *Outros Tempos*, Lisboa, 3ª ed., s.d. (1ª ed., 1909), p.7.

¹⁸ “Para a memória de António Nobre”, in *Obras em Prosa*, vol. 2, Círculo de Leitores, Lisboa, 1987.

¹⁹ *Notas Contemporâneas, Obras Completas de Eça de Queiroz*, vol.XV, Círculo de Leitores, Lisboa, 1981, p.166.

²⁰ “Ave-Maria”, *Poesias Completas*, p.77.

²¹ Joel Serrão arrisca mesmo: “Nessa frustração, portuense nacional, radican, além do mais, as tristezas, tristezas, tristezas de Nobre.” (op. cit., p.180).

²² *Collins Complete Work of Oscar Wilde*, Centenary Edition, 1999. Texto disponível em http://www.everypoet.com/archive/poetry/Oscar_Wilde/oscar_wilde_tae-dium_vitae.htm.

²³ *Life*, 13-2-1970.